

# A responsabilidade como fundamento ontológico do ser humano:

fundamentos de uma educação contemplativa em Hans Jonas

Manuel João Mungulume

**Como citar:** MUNGULUME, M. J. A responsabilidade como fundamento ontológico do ser humano: fundamentos de uma educação contemplativa em Hans Jonas. *In:* CARVALHO, A. B. (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 117-140 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p117-140>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# **A Responsabilidade como Fundamento Ontológico do Ser Humano: fundamentos de uma educação contemplativa em Hans Jonas**

Manuel João MUNGULUME<sup>21</sup>

## **Introdução**

O presente texto tem como objetivo discutir o princípio da responsabilidade em Hans Jonas (1903-1993), evidenciando suas possibilidades e implicações nas práticas educativas contemporâneas. Neste texto o termo contemplativo toma o sentido de apreciação e afirmação da natureza como um *habitat* humano (casa comum), e que merece respeito e consideração nos debates educativos. Para Jonas, a responsabilidade é o elemento ético que situa e orienta a sociedade para a prática de cuidado. Com esta discussão pretendemos contribuir com alguns aspectos teóricos e práticos de modo a compreender novas perspectivas filosóficas da relação homem-natureza.

Vivemos em uma época em que, o teor é de fragmentação da natureza, assim o princípio da responsabilidade como característica singular do homem emerge como antídoto para proteger a natureza que se encontra em constante vulnerabilidade.

---

<sup>21</sup> Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Unesp, Campus de Marília. E-mail: [manuel.mungulume@unesp.br](mailto:manuel.mungulume@unesp.br)  
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p117-140>

Portanto, a responsabilidade perpassa em todas as dimensões educativas e humanas. Existe estreita e essencial relação entre a responsabilidade e a necessidade de educar. Nesta reflexão toma-se a responsabilidade como uma condição fundamental para que a educação assuma o seu compromisso ético e interventivo em relação aos problemas que afetam a sociedade.

A escolha de Hans Jonas<sup>22</sup> (1903-1993) para uma articulação com a prática educativa justifica-se pelo fato de o autor propor alguns pressupostos imprescindíveis para a construção de uma sociedade harmônica e sustentável. Vivemos em um momento propício para que os debates educativos tenham um compromisso ético com a formação de uma geração que garanta o bem-estar da natureza. Como diz Jonas, precisamos propor uma ética abrangente que leve em conta o âmbito da natureza e as futuras gerações, (JONAS, 2017). Uma ética com horizontes futurísticos.

O princípio de responsabilidade preconizado por Jonas contém grandes potencialidades que nos possibilitam refletir em torno de uma educação capaz de agir e atuar em prol do desenvolvimento de uma educação que coopere com o sentido ético da solidariedade, do respeito, e da valorização da democracia nas relações homem-natureza. Portanto, em nome de uma civilização tecnocientífica, a nossa paisagem encontra-se em constante mutação, umas benéficas e outras nefastas para a saúde humana.

---

<sup>22</sup> *Hans Jonas: sua trajetória intelectual* - nasceu na Alemanha em 1903 e faleceu nos 1993. Judeu, foi atingido pelos eventos dolorosos do século XX, especificamente, o Nazismo perpetrado pelo Hitler. Hans Jonas nasceu em uma cidade da Alemanha denominada por (Mönchengladbach), 10 de maio de 1903. Faleceu em Nova Iorque, 5 de fevereiro de 1993. Jonas foi um filósofo alemão de origem judia. É conhecido principalmente devido à sua influente obra *O Princípio Responsabilidade* (publicada em alemão em 1979, e em inglês em 1984). Aluno de Husserl, Heidegger e Bultmann, amigo de Hannah Arendt, foi professor na Palestina, no Canadá e em Nova York, onde veio a trabalhar na *New School for Social Reserch*. Engajado com seu tempo, elabora um pensamento original, e a partir de um ponto de vista ontológico propõe uma filosofia da vida, onde procura retomar as questões sobre a relação entre *Ser e dever, causa e finalidade, natureza e valor* (JONAS, 2006).

O teor da civilização humana sempre procurou formas e mecanismo para ter uma vida social harmônica, porém, muitas vezes, a visão de colocar o homem no centro (antropocentrismo) contribui para o distanciamento do homem-natureza, e assim perde-se o sentido de pertencimento, posto que somos partes constituintes da natureza.

Pretende-se nesta reflexão construir saberes ecológicos baseados pelo princípio da responsabilidade, uma vez que para Jonas a ética adota um ponto de vista universal, o que nos possibilita usar e dominar a técnica com responsabilidade. A nossa ação deve sempre tomar em consideração um princípio ético de responsabilidade antes de agir; com isso o autor aponta a responsabilidade como uma bússola que orienta e calcula as nossas ações.

Considerando a crescente degradação do ambiente mundial, as academias, as escolas e a sociedade no geral têm a responsabilidade coletiva para dialogar e encontrar uma forma ética para minimizar os riscos-socioambientais. Neste sentido, o princípio da responsabilidade entra como uma grande aliada na formação de sujeitos atuantes para a transformação social.

A fundamentação ética e filosófica do princípio jonasiano favorece uma práxis educativa responsável, pois, além de ensinar a auto-constituição de indivíduo, propõe o sentido da solidariedade, compaixão, respeito e favorece o compromisso ético com bem-estar da natureza, e promove um debate pedagógico para restabelecer a integridade do planeta. Espera-se com estas discussões contribuir com uma educação que afirma a natureza como extensão da nossa existência, caso a natureza desabe, também desabaremos junto dela. Temos a responsabilidade pedagógica de agir com responsabilidade em prol do bem-estar da natureza.

## O princípio da responsabilidade na educação

O discurso de responsabilidade na educação fomenta a ideia de uma educação libertadora e transformadora e reflete a condição do próprio homem. O núcleo fundamental onde se sustenta o processo de educação é na responsabilidade como uma dimensão singular do homem. Portanto, para Jonas (2006), a responsabilidade serve de crítica à civilização tecnológica onde ele sugere uma nova dimensão da moral que promove e possibilita uma boa relação homem-natureza.

O princípio da responsabilidade na educação visa construir com uma abordagem ética, destacando a sua implicação pedagógica, promovendo ações educativas que visem orientar a formação de seres humanos capazes de agir com responsabilidade. A ética na educação desempenha um papel fundamental no processo formativo considerando o seu sentido etimológico, a Ética vem do grego *ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida. Assim, originariamente, *ethos*, “caráter” ou “costume”, assenta-se em um modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito. É precisamente esse caráter não natural da maneira de ser do homem que, na antiguidade, lhe confere sua dimensão moral (VAZQUEZ, 2018, p. 24).

Não é possível fazer uma reflexão sobre responsabilidade sem questionar as ações do homem moderno. O princípio ético de responsabilidade visa contribuir com a formação de novas subjetividades como é o caso do sujeito ecológico. Neste sentido, a educação enquanto um instrumento de formação humana se configura como uma tarefa que prepara homens e mulheres para intervirem de formas ativa e responsável no espectro social e cultural. A responsabilidade como um princípio ético

opera na esfera humana como uma característica singular do ser humano. Baseada nessa percepção, a educação desempenha um papel fundamental no espectro social, pois trata-se de um mecanismo que busca no ser humano, por meio de ensino, as suas potencialidades e valores para agir de forma ativa na sociedade. Tomar ciência ou a responsabilidade do *ser-estar* no mundo brota a lógica da responsabilidade como presença-ativa.

Jonas, no primeiro momento da sua análise procura tornar a ética como um elemento abrangente e não como algo meramente antropocêntrico como se centrava na tradição antiga: ame ao teu próximo como a ti mesmo, tenha amor e respeito pelo teu próximo. Tal ética segundo Jonas não afetava a natureza das coisas extra-humanas, ou seja, a natureza não era objeto da responsabilidade humana, pois cuidava de si mesma, a ética era confinada ao aqui e agora, (JONAS, 2006, p. 18). De acordo com Vásquez (2018) tais princípios, valores ou normas encarnados na idade antiga entram em crise e exigem a sua justificação ou a sua substituição por outros. Surge então a necessidade de novas reflexões ou de uma nova teoria moral, pois os conceitos, valores e normas vigentes se tornaram problemáticos. Assim se explica a aparição e sucessão de doutrinas éticas fundamentais em conexão com a mudança e a sucessão de estruturas sociais, e, dentro delas, da vida moral (VAZQUEZ, 2018, p. 267). Esta ideia é igualmente compartilhada por Jonas, ao propor uma nova teoria ética para a civilização tecnológica. A proposta de Jonas é de que a ética seja debatida em um espectro amplo considerando todas as formas de vida e do futuro da humanidade, uma vez que a técnica moderna introduziu ações de magnitude tão desastrosas e imprevisíveis que os marcos da ética clássica jamais poderiam contê-las. Desta feita, Jonas formula o imperativo da ética Kantiana que afirmava: “age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei

universal, ou seja, age de tal sorte que possas igualmente querer que tua máxima se torne uma lei universal”.

Para Jonas esta ética tornou-se inoperante na era da civilização contemporânea e propõe novas dimensões éticas que se expressam em quatro imperativos categóricos holísticos e abrangentes. Assim, Jonas propõe uma nova dimensão moral no agir, que se adequa ao novo tipo de sujeito atuante, devendo o sujeito agir da seguinte maneira:

Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou, simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”; ou, em uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer. (JONAS, 2006, 47-48).

Com isso Jonas apela para o novo modo de agir e clama por outra coerência, não o ato consigo mesmo como queira a ética clássica, mas dos efeitos finais que possibilitam a continuidade integral do futuro da humanidade (JONAS, 2006). A ética moderna se cultiva nas bases humanas e deixava de lado a natureza e os aspectos da vida extra-humana e sua biodiversidade.

Jonas adota uma perspectiva abrangente e inclusiva, não somente humanos que se valem da ética, mas todas as formas de vida. Para Jonas o conceito vida ultrapassa a dimensão meramente humana, pois para ele qualquer espécie que estabelece uma relação com a natureza tem vida (JONAS, 2004).

Nesta perspectiva Boff (2004), adota o cuidado como modo de ser e de agir essencial, uma atitude que pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade, uma vez que, o cuidado se encontra o *ethos* fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir. Portanto, ainda para Boff, o cuidado é o *ethos* fundamental do humano, um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer.

O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano como maneira concreta do ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. (BOFF, 2004, p. 33).

Desta feita, o cuidado, sensibiliza o atual estado da natureza que está sendo definhada pelo uso desenfreado da técnica. A natureza encontra-se hostilizada e empobrecida pelos apetrechos do consumismo. O problema que Jonas se esforça em resolver é da autonomia da técnica em relação a ética, pois, ele não pretende defender uma ética que limite o desenvolvimento da técnica, mas submetê-la aos freios voluntários da ética. (MORRETO, Apud, JONAS, 2015, p. 76). Assim, o que Jonas advoga é de que os mistérios do universo natural devem ser considerados, pois na civilização tecnológica, o homem tornou-se objeto da técnica. A intenção não é de criticar os avanços da técnica em si, mas demonstrar que ela deve ser padronizada e orientada por um princípio supremo, que é a responsabilidade, uma vez que, as ações humanas ilimitadas podem

comprometer a integridade da natureza.<sup>23</sup> Neste sentido, a educação contemporânea tem uma missão inadiável, de promover e desenvolver consciência crítica que permita ao homem transformar a realidade atual.

Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora; tal prática se faz cada vez mais urgente, (FREIRE, 2011, p. 17).

A educação contemplativa ou a pedagogia do cuidado-ecológico através de debates, permite inserir e situar a condição humana no cosmo, propor novas metodologias e práticas educacionais que se opõem ao descuido e ao descaso com a natureza. Dessa forma, a educação como prática de valores, é propícia para dialogar com o princípio de responsabilidade como um dever ético, que conscientiza e sensibiliza a diminuição de riscos socioambientais que estão afetando sobremaneira a saúde humana. Conforme Boff, aqui estamos diante de uma pedagogia de cuidado, que é uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro, (BOFF, 2004).

Jonas não trata de uma responsabilidade coibitiva ou de exortações sensacionalistas, mas trata de uma responsabilidade que evite eliminar as relações e os fetos com a diversidade de outras espécies, razão pela qual, a ética de responsabilidade exige, sim, que, quando agimos, avaliemos as pretensões morais dos que forem afetados pelos nossos atos, ou seja, devemos medir as consequências da ação ao longo prazo, propondo um alto sentido de agir com dever sobre as espécies. Como afirma Jonas:

---

<sup>23</sup> A responsabilidade é uma dimensão profundamente humana, razão pela qual Jonas preconiza ao homem o uso da ética como forma de impedir um destino trágico para humanidade, pois, segundo ele tal destino está sendo posto em causa pela civilização tecnológica. Daí que emerge a necessidade de uma ética que coloque os limites da ação humana sobre a natureza (JONAS, 2006).

a ética de responsabilidade terá como característica principal de combater o defeito mais forte e favorecer o lado menos beneficiado pelas circunstâncias. Nesse sentido, tal ética estará sempre ao lado dos fracos contra os fortes. Assim, a ética deve estar ao lado da natureza que está em constante vulnerabilidade pelo uso irresponsável da técnica (JONAS, 2006, p. 19, grifo nosso).

Na ética da responsabilidade trata-se da solidariedade e da compaixão, fundadas no cuidado e no valor intrínseco de cada ação.

Conforme Jonas, já que mudou a forma de agir sobre a natureza, também deve mudar a regulamentação da ética, uma vez que a ética se ocupa da condição humana, deve assim alterar a natureza da ação. A responsabilidade é um princípio ético de cuidado pela vida, pela natureza, que deve-se pautar por um novo olhar atento pelo comedimento das ações, uma vez que, cada geração é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Temos o dever moral de deixar um ambiente são e digno para as próximas gerações. Esta é para Jonas, a nova tarefa da ética, (JONAS, 2017, p. 23).

Nessa perspectiva, a educação escolar deve se identificar com esses valores ecológicos como um processo formativo que influencie positivamente a sociedade a todo momento, dentro e fora da escola, e que tem a ver com o que “chamamos de formação de um sujeito ecológico e de subjetividades ecológicas” (BRASIL, 2017, p. 137).

### **A responsabilidade como uma exigência democrática**

A construção de uma sociedade democrática, harmônica e sustentável depende de uma educação interventiva e comprometida com o

bem-estar comum, pois, a educação, enquanto direito humano fundamental, é considerada o mais importante fator para a redução das desigualdades e para se alcançar um desenvolvimento sustentável.

Para Dewey (1973), a educação para a democracia requer que a escola se converta em “uma instituição que seja, provisoriamente, um lugar de vida para a criança, em que ela seja um membro da sociedade, tenha consciência de seu pertencimento e para a qual contribua. Ainda para Dewey (1973, p. 07) “a educação é um modo contínuo de reconstrução de experiências, ou seja, ela é um método fundamental do progresso e da reforma social”.

Nesta perspectiva a educação pode influenciar eficazmente o curso de sua evolução ou da transformação social, que é a construção de caminho para efetivação da comunidade democrática e cooperativa. Portanto, a função principal da educação em toda a sociedade é a de ajudar os alunos a desenvolverem um conjunto de valores, hábitos ou virtudes que lhes permitam realizar-se plenamente, em uma existência humana compromissada com a dimensão ética do mundo em que está inserido. Como afirma IPAD<sup>24</sup>,

A educação permite que cada indivíduo possa assumir a responsabilidade pelo seu destino e contribuir para o progresso da sociedade em que se insere, uma vez que lhe dá meios para participar no processo do desenvolvimento de forma responsável, quer como indivíduo, quer como elemento dessa comunidade. (IPAD, 2008, p. 03).

---

<sup>24</sup> Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. Lisboa, 2008.

A educação é um vetor fundamental que contribui para a autoformação de cidadãos consciente e responsáveis. A Educação é um fator determinante na promoção da cidadania e na criação de uma consciência social sobre o papel dos indivíduos no desenvolvimento das sociedades, devendo potencializar a sua participação e intervenção. É de igual forma fundamental enquanto fator de sensibilização sobre a situação de violência contra a natureza, nos mais diversos aspectos comunitários, incluindo a resistência e reconstrução de uma sociedade sustentável.

Assumir o princípio da responsabilidade na educação é um modo cuidadoso de se relacionar com os outros humanos e não-humanos que tornam a moral esteticamente admirável. Trata-se de uma pedagogia do cuidado com o ambiente, como dimensão ecológica que pode ser refletida e vivenciada pelas academias, por indivíduos, grupos e também pelas instituições como a escola. A educação reforça, ainda, a cidadania, dando às comunidades a capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento, fazendo com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso, ajudando a criar sociedades mais abertas, críticas e democráticas.

Jonas (2006), define a responsabilidade como uma obrigação preliminar do homem, e que temos a responsabilidade com a natureza, presente e com futuro. Para ele não existe uma sociedade democrática, digna ou harmônica sem que haja no primeiro momento um pacto com a responsabilidade. Como enfatiza, Arendt; a responsabilidade não é um peso e não tem nenhuma relação com os imperativos categóricos. Antes flui naturalmente de um prazer inato em tornar manifesto, em clarear o escuro, em iluminar as sombras. (ARENDR, 2008, p. 57).

A responsabilidade, só se converte em valores na medida em que contenha uma resignação aceitável entre os homens, e assume o compromisso de minimizar os riscos. Assim, evita prejuízos irreversíveis. A natureza precisa estar em constante harmonia com os restantes elementos

do seu curso, sob o risco de causar um desequilíbrio ecológico. Portanto, ecossistemas equilibrados e saudáveis são essenciais para a vida no planeta. Para o efeito é necessário que em todas as ações humanas seja aplicado o princípio ético de responsabilidade que orienta ou garante o equilíbrio entre o risco e a prudência da ação imprevisível, pois caso contrário, as atividades da ação humana podem afetar negativamente o futuro da humanidade.

Por isso que os novos paradigmas da educação devem promover debates de cuidados ecológicos, isto é, adoção de práticas pedagógicas que cooperem com a formação de consciências cívicas trazendo a compreensão da dinâmica da vulnerabilidade da natureza e as estratégias para a diminuição de riscos sócio ambientais. Para isso, a educação deve:

propiciar a oportunidade de criar, pensar, agir, fazer, da sua forma e por seus próprios meios. Trabalhar o conceito crítico de E.A para não correr o risco de cair em um tema neutro e despolitizado, que não provoque e/ou desperte a condição de cidadania ativa, ampliando seu significado para um movimento de pertencimento e coresponsabilidade das ações coletivas, visando ao bem-estar da comunidade. (BRASIL, 2017, p. 47).

Precisamos somar esforços, de modo que a educação possa contribuir de forma significativa na proteção da integridade ecológica, como foi enfatizado pela carta da terra, onde convida a humanidade a:

somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e em uma cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa

responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.<sup>25</sup>

A responsabilidade da educação neste sentido vai para além de assumir a educação ambiental na escola; é o mais puro exercício de cidadania, é o próprio ofício ou ato de responsabilidade e compromisso com a construção de uma nova cultura, que tenha por base a sustentabilidade ambiental. A responsabilidade de que Jonas anseia, coloca-nos à reflexão e à aprendizagem de compromisso com o legado e o futuro da humanidade. Cabe aos educadores nas suas práticas educativas potencializarem as possibilidades pedagógicas construtivistas de iniciativas coletivas. Para Jonas o homem define-se pela responsabilidade que exerce em prol das futuras gerações. Ao mesmo tempo, o valor social do indivíduo é medido, primordialmente, em termos de aptidões e qualidades de adaptação padronizadas, em lugar do julgamento autônomo e da responsabilidade pessoal.

### **A Heurística do Medo: fundamentos da condição humana e a incerteza ecológica**

A heurística do medo é uma característica que Jonas usa como um princípio útil, em que o ser humano deve consultar as suas ações antes de ser coagido pelos desejos. Ou seja, diante de um perigo iminente, o medo nos protege de cometer danos irreversíveis. Portanto, na ótica de Jonas, a civilização tecnológica coloca em risco a permanência intacta do destino da humanidade. Por isso é que defende um Princípio ético da

---

<sup>25</sup> Carta da Terra – disponível em: [www.cartadaterrabrasil.com.br](http://www.cartadaterrabrasil.com.br). Acesso em 22 de outubro de 2020.

Responsabilidade, como um elemento ético para salvaguardar e garantir o progresso humano sem causar danos às gerações futuras.

O sentido que a heurística do medo toma nas análises Jonasianas não é um instrumento ingênuo, mas uma racionalidade prudente, um temor racional e orientador. A heurística do medo desempenha o papel da prudência sendo um instrumento que aconselha para o agir cuidadosamente diante de riscos, como diz Aquino, a prudência é a razão reta acerca das coisas contingentes, que supõe conselho na eleição. Assim, a prudência pressupõe as virtudes morais, pelas quais a ação deve sempre busca o bem. (AQUINO, 2001).

A flexibilização da modernidade deixou de lado outras formas de relacionamentos colocando o homem no centro das atenções, o que Jonas denominou de uma ética antropocêntrica. Tal ética é excludente à medida que não coloca outros sistemas de vida como sujeito da ética e que merece uma consideração na configuração dos limites éticos.

A incerteza ecológica se caracteriza pelas formas do domínio humano sobre a natureza. O homem moderno rompeu com a natureza. Portanto, os termos em que Bacon defendeu esse novo método empírico de investigação eram não só apaixonados, mas, com frequência, francamente rancorosos, A natureza, na opinião dele, tinha que ser "acossada em seus descaminhos", "obrigada a servir" e "escravizada". Devia ser "reduzida à obediência", e o objetivo do cientista era "extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos".<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Francis Bacon denominou a ciência como um instrumento poderoso e que o conhecimento é poder, colocando o homem como poderoso diante da natureza, eliminando desta feita o antigo conceito da Terra como mãe nutriente foi radicalmente transformado nos escritos de Bacon e desapareceu por completo quando a revolução científica tratou de substituir a concepção orgânica da natureza pela metáfora do mundo como máquina (CAPRA, 1982, p. 31).

Com a modernidade, o consumismo surge como modo ativo de relação homem-natureza, ou seja, a natureza passou a ser olhado como recursos a ser explorado de todas as formas possíveis, sem medir as consequências das ações a curto, médio ou longo prazo. Tais práticas induz a humanidade em uma incerteza ecológica sem precedentes. Precisamos indagar a condição humana, medir as consequências e as implicações das nossas ações. Como bem afirma Capra:

Não se mata facilmente uma mãe, perfurando suas entranhas em busca de ouro ou mutilando seu corpo. [...] Enquanto a terra fosse considerada viva e sensível, seria uma violação do comportamento ético humano levar a efeito atos destrutivos contra ela. (CAPRA, 1982, p. 34).

Muitas dessas imagens violentas parecem ter sido inspiradas por Bacon, desta mudança que Jonas se ocupa em propor um novo princípio ético, que viria a ser de suprema importância para o desenvolvimento de uma categoria ética abrangente, ou seja, a ética não é um estudo exclusivo de homem para homem, mas sim de todas as espécies existente no mundo cósmico.

Jonas formula a sua nova ética analisando quatro (4) teses de relações na era da civilização tecnológica: *Homem (Sociedade), Técnica, Natureza (planeta) e o Futuro*. A partir desses elementos o autor começa denunciando o emprego da ciência moderna, pois segundo ele nas premissas baconianas, mudaram radicalmente o objetivo da ciência e passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza.

Assim, para Jonas (2006) e Capra (1982), a ciência e tecnologia buscam sobretudo fins profundamente antiecológicos, devendo dessa forma se submeter aos freios da ética da responsabilidade. Todo ser é capaz de modificar o ambiente em que vive, podendo com sua ação manter um equilíbrio ambiental ou não. As ações humanas constituem um grande exemplo atual que não auxiliam na manutenção do equilíbrio ambiental, já que fez de seu ambiente um local com construções, exploração e uso excessivo da técnica.

A cultura da civilização tecnológica trouxe uma guinada histórica da relação homem-natureza, perdendo deste modo a sensibilidade com a natureza, não sente o senso de pertencimento da mãe natureza, como diz Moran (2008), “somente quem tem o luxo de caminhar em uma grande floresta sabe o que isso faz pelo espírito humano, como é emocionante, como traz esperança e o senso de infinito”. (MORAN, 2008, p. 10).

Portanto, conhecer o humano não é separá-lo do universo cósmico onde está inserido, mas situá-lo nele. Precisamos refletir sobre o estado da natureza e de nós mesmo, resgatando a orientação clássica: Quem somos nós? Onde estamos? De onde viemos? Para onde vamos? Portanto, estes questionamentos nos servem de linha mestra para que as ações humanas não cometam atos de riscos ou de incerteza ecológica, e dessa forma, as práticas pedagógicas não se circunscreve somente em um mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. Segundo Morin (2003), a educação deve contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, assim, a educação reencontraria a sua grande e profunda missão. Ainda para Morin, a educação deve eminentemente permitir o desenvolvimento do espírito problematizador, dirigido para os grandes problemas do conhecimento que afeta a condição humana. (MORIN, 2003, p. 37).

Os excessos trazidos pelo consumismo exacerbado vão danificando o curso natural do planeta, das nossas águas, das florestas e colocando desse modo danos irreparáveis sobre o destino da humanidade. Assim, considerando a crescente degradação ambiental, a poluição das águas está associada às alterações de suas características físicas, químicas ou biológicas, que prejudicam seu uso e afeta sobremaneira a qualidade de vida humana. Tudo isso para Jonas está associado ao uso irresponsável da técnica. (JONAS, 2013).

Segundo Giddens (1991), a nossa época vive em permanentes incertezas de riscos. São várias outras formas que colocam a incerteza do destino da humanidade, tais como, a destruição das florestas, a exploração da madeira e a destruição dos recursos naturais em geral; são as consequências de uso desenfreado da tecnológica sem a observância do princípio ético da responsabilidade, pois segundo Jonas, os aparatos da técnica vão para além do controle do homo faber. (JONAS, 2006).

A poluição das águas tem efeitos negativos sobretudo à saúde humana. A contaminação microbiológica das águas, pelo lançamento inadequado de esgoto sem tratamento, pode ser responsável pela contração de diversas doenças parasitárias. Além da restrição do uso para fins domésticos, a água poluída pode prejudicar sua utilização.

Atualmente, já existem tecnologias capazes de despoluir a água, porém, ainda não podem ser utilizadas em larga escala, pois seus custos são elevados. Desta maneira, nos resta apenas a alternativa de conservar os recursos hídricos para manter e melhorar a qualidade de vida em todo o planeta. (WATANABE, 2011, p. 69).

Uma responsabilidade que segundo Jonas vai para além de um simples agir, mas apontar a heurística do temor mediante a ação. As implicações pedagógicas da ação ambiental podem propiciar o bem-estar social, cultural e sustentável, uma vez que o engajamento educacional fomente ao sujeito um agir ético e responsável, e que a meta principal deve ser a minimização do perigo. Vivemos em uma época em que a ação humana está afetando todas as esferas sociais e humanas, como a destruição do habitat aquático, as florestas, e a poluição. Em tudo isso, a educação pode servir de um instrumento de extrema relevância, à medida que pode contribuir com o conhecimento que conscientize com verdadeiro sentido de humanismo; aqui vale apenas salientar que Jonas mobiliza a todas artes científicas, políticos para ensinar a enfrentar a incerteza instituída pela civilização tecnológica. (JONAS, 2006).

O ser humano, embora faça parte do meio ambiente, é um grande causador de destruição do meio. A destruição da floresta leva ao desaparecimento da fauna e da flora. A elevada modificação do estado natural da natureza em busca do sustento leva o homem a ter uma relação fatal entre os meios e fins, nos quais o fim mais sublime termina por sucumbir. (JONAS, 2006, p. 347). E muitas vezes com grandes prejuízos materiais e mesmo de vidas humanas, colocando desta feita um futuro incerto ao destino da humanidade. O homem precisa medir e mediar constantemente as suas ações diante da natureza de modo que não coloque em causa o curso natural das florestas, uma vez que elas

têm uma participação fundamental no ciclo da água, ajudando na regulação da precipitação meteorológica, bem como na purificação, reciclagem e regulação dos cursos e reservatórios de água; participam na estabilização da textura, topografia e fertilidade dos solos; tornam

possíveis complexos e diversificados nichos ecológicos, albergando e providenciando alimento para diversas espécies vegetais e animais.<sup>27</sup>

Neste sentido, as florestas sequestram e armazenam enormes quantidades de carbono nos seus caules, folhas, raízes e nos solos em que estão implantadas. Ainda segundo o documento da FAO (2014), as florestas, ajudam a purificar o ar das excessivas concentrações de dióxido de carbono e libertar o oxigênio essencial para a vida. Esse papel de regulação das quantidades de oxigênio e dióxido de carbono na atmosfera faz com que as florestas sejam também conhecidas como “os pulmões do mundo” em todas estas incertezas ecológicas apontadas nessas reflexões, a educação como uns princípios básicos deve se alinhar na formação para o exercício da cidadania e desenvolver os valores e atitudes que o potencialize a melhorar a qualidade de vida individual e coletiva.

Essencialmente, os fitoplânctons e as florestas têm uma estreita ligação à base de recursos que sustenta a vida no nosso planeta (água, ar, solos, fauna etc.), e também exerce uma influência direta sobre o ambiente e o clima, particularmente em relação à temperatura e à humidade ambiental<sup>28</sup>. A nossa era é caracterizada por diversas esferas de riscos. Tais riscos são na verdade criados por formas normativamente sancionadas de nossas ações. Neste sentido, a educação tem um papel fundamental para desenvolver ações e debates que possibilitam a diminuição de riscos de natureza socio ambiental. Segundo Jonas, a minimização dos riscos de alta consequência da nossa época é mediante o crivo da responsabilidade.

---

<sup>27</sup> A importância das florestas para o mundo melhor. Disponível em: [www.fao.org/lisbon](http://www.fao.org/lisbon). Acesso em: 20.10.2019.

<sup>28</sup> Os fitoplâncton são tipo de plâncton de organismo microscópicos que flutua na água doce e em ambiente marinho, e que se destacam por ser capaz de realizar fotossíntese, sendo a base da cadeia alimentar nos ambientes aquáticos, (PEREIRA, 2013).

Nesses termos, a grande missão da educação contemporânea consiste em debater e transmitir essa sensibilidade natural, e olhar a natureza como um *habitat* comum a ser respeitado e utilizando os seus benefícios com senso de responsabilidade. Possuir um sentimento de pertencimento e de responsabilidade sobre a natureza, possibilita conhecer e compreender o meio em que vivem e as inter-relações existentes entre os diferentes elementos que o compõem, e é condição essencial para a conservação da diversidade biológica e cultural de um território.

### **Considerações Finais**

Este trabalho buscou discutir e refletir em torno do Princípio de Responsabilidade no contexto da Educação escolar, suas possibilidades e implicações. A educação como um ato político deve permear um amplo espectro do mundo, e tentar trazer para o debate os problemas que afetam a sociedade. Hans Jonas como filósofo preocupado com os problemas do seu tempo, propõe uma ética que se compadeça com o estado da natureza e com destino do homem. Esta talvez continua sendo desafio da educação contemporânea. O princípio de responsabilidade é uma alerta que serve para orientar e demonstrar ao homem tecnológico que a vida vale mais que um investimento cego das maquinarias que comprometem o futuro da humanidade; e que a responsabilidade é o farol vermelho e ao mesmo tempo “esperança” que pede calma em relação as nossas ações que podem colocar em causa a natureza.

A educação como conjunto de saberes e de valores deve sim fomentar uma formação de sujeitos conscientes, críticos, e ativos para contribuir na promoção de ações que possibilitem assumir a responsabilidade, a solidariedade com a natureza. A falta de

comprometimento com os cuidados ecológicos coloca em risco o futuro harmonioso e sustentável da humanidade. Vivemos em uma época necessária para a articulação entre o princípio da responsabilidade e a educação como meio teórico e prático para executar os pressupostos pedagógicos do cuidado ecológico.

A educação tem um papel privilegiado para propor e discutir a manutenção do equilíbrio ecológico em seus espaços de debates e assim fomentar a dinamização do agir individual e coletivo no tecido social, político e cultural. A relação responsável com a natureza, mais que um conteúdo a ser estudado na escola, reúne hoje um conjunto de conhecimentos imprescindíveis para compreender e interpretar os desafios da sociedade contemporânea que nos permite uma atuação como cidadãos cada vez mais conscientes e cuidadosos.

A educação ambiental que se quer nestas reflexões é aquela comprometida com o empoderamento social e que possibilita a construção de um mundo que valorize a diversidade biológica e que promova uma cultura de sustentabilidade. Essa é a tarefa da educação contemplativa que afirma os valores de outras espécies para convivência ética, respeitosa e de responsabilidade. Por fim, nesta discussão esperamos contribuir com as importantes premissas e inquietações levantadas pelo filósofo alemão Hans Jonas, para se pensar em uma educação que proporcione e contemple a natureza como sujeito de discussões nas práticas educativas. Esperamos que o Princípio de responsabilidade contribua efetivamente para uma sociedade justa, harmônica e sustentável.

## Referências

ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. Editora: Companhia das letras, SP, 2008.

AQUINO, T. **Suma teológica**. 2ed. São Paulo. Edições Loyola, 2001.

BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Editora vozes Petrópolis, Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola/ Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: Brasília; UNESCO, 2007.**

CAPRA, F. **Ponto de mutação**. Editora Cultrix, SP, 1982.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. Edições melhoramentos. SP, 1973.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12ed. Paz e Terra, RJ, 2011.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

PEREIRA, L. D. A. **Saber ecológico: o Fitoplâncton e nossas águas**. Puc Minas, 2013.

JONAS, H. **Ensaio filosóficos: da crença antiga ao homem tecnológico**. Editora Paulus, SP, 2017.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização contemporânea**. Trad. Marijane Lisboa, Luís Barros Montes. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

JONAS, H. **Ética, medicina e técnica**: sobre a prática do princípio da responsabilidade; paulus, 2013 – SP.

IPAD. **Estratégia da cooperação portuguesa para educação**. Lisboa, 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma – Reformar o pensamento. 8ed. RJ, Editora Bertrand Brasil. 2003.

MORAN, E. F. **Nós e a natureza**: uma introdução às relações homem-natureza. Editora Senac SP, 2008.

VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 38ed. Rio de Janeiro, 2018.

WATANABE, C. B. **Conservação Ambiental**. Instituto Federal Paraná. Curitiba, 2011.

### **Referência Eletrônica**

Carta da Terra. Disponível em: *www.cartadaterrabrasil.com.br*. Acesso em: 22 de out. de 2020.

FAO (2014). A importância das florestas para o mundo melhor. Disponível em: *www.fao.org.lisbon*. Acesso em: 20 de out. d 2019.

